

Midiatização da fé: poder, ubiquidade e devoções simbólicas nas redes sociais*Mediatization of faith: power, ubiquity and devotions symbolic on social networks*Bianca Sobral FERNANDES¹**Resumo**

O presente ensaio tem por objetivo refletir sobre as relações de poder que se articulam a partir da religião, tendo como pano de fundo o fenômeno da midiatização. Para tanto, parte-se de uma implicação nas relações de devoção, interações e partilha entre as instituições religiosas, sobretudo de doutrinas cristãs, com os fiéis, a partir do uso das mídias, neste caso, as redes sociais, que viabilizam novas experimentações e vivências de fé em ambientes distintos. É sabido que estas ferramentas impactam fortemente nas relações sociais e culturais, ao passo que, o uso de tecnologias por administradores religiosos tem sido uma realidade cada vez mais empregada e imprescindível para mediar as palavras do “Criador”, às criaturas.

Palavras-Chave: Relações de Poder. Religiosidade. Midiatização. *Instagram*.

Abstract

This essay aims to reflect on the power relations that are articulated through religion, with the phenomenon of mediatization as a backdrop. To do so, it starts from an implication in the relationships of devotion, interactions and sharing between religious institutions, especially Christian doctrines, with the faithful, through the use of media, in this case, social networks. That enable new experiments and experiences of faith in different environments. It is known that these tools have a strong impact on social and cultural relations, while the use of technologies by religious administrators has been an increasingly used and essential reality to mediate the words of the “Creator” to creatures.

Keywords: Power Relations. Religiosity. Mediatization. *Instagram*.

Introdução

Pensar as relações de poder, significa refletir sobre as concepções, valores, crenças e saberes diante de tudo que nos cerca e que, historicamente, foram construídos, impostos

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal do Piauí.
E-mail: bifernandes50@gmail.com

e aceitos diante de um discurso de naturalização e domesticação de comportamentos. Mas o que é o “normal”? Foucault (1995) nos lembra que como sujeitos, estamos assujeitados a relações de poder, que se constituíram ao longo do tempo e seguem em fluxo constante de mudança e desencarceramento - ou criação de novos padrões. Esse poderio está presente nas relações sociais, nos costumes, na concepção do entendimento de ética, verdade, justiça ou crença.

Partindo dessa premissa, este ensaio se atém a discorrer a respeito das relações de poder que se tecem a partir da mediação da fé em ambientes digitais, com ênfase nas redes sociais. Tendo em vista a relevância que os aspectos comunicacionais exercem sobre as relações e práticas religiosas, e o crescente aumento da presença de figuras carismáticas nas redes sociais, em especial, no *Instagram*, que é atualmente uma das maiores redes sociais do mundo, onde o Brasil ocupa o segundo lugar no *ranking* de usuários.

Para tanto, o trabalho se encontra dividido em quatro partes, respectivamente intituladas: 1) Experiência do eu; 2) Dispositivos, comunicação e poder; 3) Valores contemporâneos; 4) Filtrar a realidade ou ser filtrado por ela. Amparados no corpus discursivo de Foucault (1995), Mansano (2009), Fischer (2012) e Sbardelotto (2016).

As experiências do eu

Os ritos sempre estiveram presentes nas atividades humanas, desde os primórdios, o homem buscou sistematizá-los a sua vivência para, de alguma maneira, justificar sua existência e dar sentido aos fenômenos incompreendidos. Assumindo um lugar no tempo de maneira linear, apresentando os eventos que ajudam a contar suas histórias, evoluções, conquistas, saberes e seu legado enquanto ser social, político e subjetivo no mundo.

A tentativa de acertar o “portal” entre o passado, presente e futuro constrói mitos, pensamentos, (in)certezas e gera narrativas de confronto a respeito daquilo que se experiencia, como, quando e, sobretudo, o que é experienciado entre o tempo e o espaço. A partir de conexões com templos, lugares, objetos e símbolos traçam o paradoxo entre as histórias que se medem através do cronômetro e permanecem vivas por meio do atravessamento de um lugar de memória e pertencimento (Ricoeur, 1994).

A religião é um exemplo de narrativa que ajuda a elucidar e trazer sentido aquilo que a humanidade não consegue compreender, provar ou explicar mediante seus saberes.

E se torna assim, um abrangente campo de estudos, à medida que é possível observá-la por uma perspectiva marcada, historicamente, pelo apontamento, moldagem, domínio e julgamento aos desejos do eu. Se tomarmos como base os acontecimentos históricos, percebemos que as dimensões que evocam as relações com o sagrado, sempre foram passíveis de inquietações e questionamentos aos valores impostos.

No caso da tradição católica, por exemplo, podemos citar diversos marcos, apogeu e declínios. Recordemos: na idade média, a igreja era a instituição que detinha o maior poder e prestígio social frente aos preceitos éticos e morais estabelecidos no meio, ditando questões relacionadas à família, convívio, comportamento, indulgências, apropriação, produção, reprodução, sexualidade e tudo que dizia respeito às vivências coletivas.

Algo que, posteriormente, foi ressignificado pelos movimentos hereges e a transição dos feudos para o capitalismo, mas que permaneceu velado por novas formas de domínio e poder, na concentração de riquezas, valores de justiça, ética e sociabilidade, impulsionados pelo advento da reforma protestante, por meio da prensa tipográfica de Gutenberg - tecnologia que possibilitou a disseminação e acesso a informações em meio ao cenário efervescente de mudanças trazidas pela revolução industrial. Bem como a corrente de pensamento iluminista, fundada em ideais de razão, esclarecimento, desprendimento e questionamento dos costumes.

No Brasil, o reflexo da herança de dominação vem desde as raízes. A imposição dos portugueses sobre a cultura politeísta dos indígenas, com a catequização, é um dos primeiros registros de formas de dominação - não apenas física, mas comportamental e psicológica do eu - através da religião. Um jeito ditatorial, por meio do castigo, de subjugar as vontades do outro, instaurada numa perspectiva de punição.

Essa narratologia pode parecer um conto do passado, mas, na verdade, a história não poderia simplesmente se repetir? Se refletirmos sobre as diversas formas de dominação que permeiam as vivências contemporâneas, vemos que as tiranias de nossos dominadores permanecem em atividade. Obviamente, não com os mesmos personagens, nem com os mesmos preceitos, açoites e castigos, mas ainda assim, com caráter imperativo.

Diante desses aspectos, podemos dizer que uma das características da religião é ditar os modos de ser, a partir da instância da subjetivação e da punição instaurados e enraizados por meio de estratégias de controle, que pregam atitudes, gostos e

comportamentos mediante um discurso persuasivo, coercitivo e dominador, que aprisiona a autonomia e as vontades do eu, em um apoderamento consentido, num exercício de poder em liberdade. Foucault (1995) comenta que os sujeitos são fruto das relações de poder, dentre os quais ele destaca haver uma tentativa de objetivação do ser: 1) Por meio do pensamento da aceitação; 2) Através da segregação dos indivíduos e 3) Na tentativa de apagamento da subjetividade.

Na contemporaneidade, as tecnologias do eu celebram um novo tempo, uma nova possibilidade de experimentação e afirmação perante os demais sobre suas crenças e juízos. Evocando mudanças que são continuamente influenciadas pelo uso das mídias. Quantas vezes não nos deparamos com perfis de figuras de influência religiosas ou páginas institucionais de templos e igrejas nas redes sociais? Em uma rápida busca, é possível avistar facilmente.

Tomemos como exemplo o *Instagram*. Nesse ambiente, não é incomum encontrarmos perfis religiosos adaptando suas celebrações ao meio virtual, com o objetivo de proporcionar uma experiência de fé mediada que se amplia e se ajusta às necessidades físicas e geográficas dos seguidores. Podemos analisar essa dinâmica sob duas perspectivas: de um lado da tela, temos a instituição religiosa, que transita suas tradições e ritos do espaço tradicional para o digital, inserindo-se no contexto midiático com o intuito de tornar sua mensagem mais acessível e abrangente. Esse processo proporciona uma mediação do real por meio da interação em telas, utilizando conteúdos audiovisuais que disputam a atenção do espectador.

Do outro lado, encontramos o usuário, que utiliza a ferramenta digital para consumir conteúdos personalizados, selecionados com base em suas interações prévias e pela lógica algorítmica que sugere postagens relacionadas. A partir dessa interação, torna-se possível vivenciar aproximações que antes só seriam possíveis por meio de encontros físicos. Essa tecnologia permite aos devotos acompanharem celebrações religiosas remotamente, compartilhar momentos de comunhão com outros fiéis e, ainda, validar os rituais realizados. Essa adaptação ao ambiente virtual ilustra como a tecnologia transforma e expande as formas de vivência religiosa, conectando indivíduos em novas dimensões de prática e fé.

As dinâmicas de comandos que geram “likes”, comentários, compartilhamentos e outras métricas de engajamento promovem interpretações de cunho imperativo, funcionando como estratégias de influência nas dinâmicas da vida digital. Especialmente

nas redes sociais, essas ações evocam uma crescente visibilidade e interação com o conteúdo exposto. O ato de “seguir” um perfil revela, em algum nível, afinidade com os conteúdos apresentados, enquanto, simultaneamente, contribui para ampliar e difundir as informações apresentadas. Nesse ambiente de conexão, emerge-se a busca por criar novos vínculos, modos de ser e conquistar novos públicos. Essa lógica de interação reforça a ideia de uma onipresença simbólica, sustentada pela constante necessidade de validação e visibilidade, características centrais das relações mediadas pela tecnologia digital.

Dispositivos, comunicação e poder

Os dispositivos a partir da perspectiva foucaultiana podem ser entendidos como as ferramentas que estabelecem conexões comunicativas entre diversos elementos, favorecendo um viés pedagógico, ou seja, diz respeito a mecanismos administrativos e institucionais que favorecem o exercício de poder dentro das estruturas sociais.

Pensando o discurso midiático a partir desse viés, podemos dizer que este se presentifica a partir de uma perspectiva enunciativa, que se tece no contexto social e ultrapassa o uso de recursos visuais ou escritos. Se popularizando como um centro de distribuição de estratégias e *marketing*, ao nos depararmos com os impactos de seu papel que extrapola o mero entendimento de consumo, e se enlaça numa relação de troca, proporcionando a visibilidade de visibilidades. Como exemplo, temos as manchetes que chegam diariamente por meio dos noticiários, se observarmos, as pautas de maior importância presentes no Jornal A, serão as mesmas dos Jornais B e C. Mas quem dita o que é uma pauta? Quem decide o que é notícia? - Os elementos do discurso.

Por discurso, podemos definir os componentes de qualquer natureza, que elucidam uma comunicação entre emissor e receptor. Fischer (2012) comenta que a produção e reprodução dos discursos geram relações de poder. Como exemplo, temos as telenovelas, que durante muito tempo e, até os dias atuais, exercem influência significativa nas relações que são tecidas entre as imitações da vida e da arte. Sendo ressignificadas com o tempo, quebrando tabus e rompendo com estereótipos que perduraram por décadas. Podemos citar representações latentes nos últimos tempos com a abordagem de temas que refletem aspectos de identidade, sexualidade, representação e diversidade, por exemplo.

No meio digital, temos as peças e campanhas publicitárias, que também reverberam discursos de influência em todas as esferas que tangem o tecido social.

Moldando novas tendências e competições no mercado, principalmente, instaurando novas relações de pertencimento, consumo e valores com aquilo que interagimos ou, de alguma maneira, nos alcança.

Voltando a lógica da religião midiaticizada, é possível comentar que seu funcionamento se assemelha às questões suscitadas acima. Em 2023, acompanhamos a repercussão da benção Papal² a união de casais do mesmo sexo. Notícia que rapidamente preencheu as manchetes de todos os veículos de comunicação. E que, nas mídias *on-line*, gerou grande repercussão. Conseguimos ver as duas interfaces do discurso por meio dos usuários: os que permaneceram no relato conservadorista, construído tradicionalmente pela própria instituição católica e os que celebravam a mudança pelo avanço na flexibilidade das amarras do poder coercitivo e segregador, pregado há séculos.

Reavendo a discussão sobre o papel dos dispositivos que enunciam o discurso, podemos dizer que eles estão presentes desde as pregações tradicionais, ganhando impulsionamento na transição entre os veículos de comunicação. No rádio e na TV, por exemplo, podemos lembrar o televangelismo presente na programação das emissoras, assim como acessórios e apetrechos vendidos, distribuídos ou ofertados para fortalecer e enraizar a fé dos fiéis, a partir das narrativas presentes nesses programas. Um jeito contemporâneo de seguir com o processo de evangelização e, ao mesmo tempo, reforçar os laços de pertencimento e obediência existentes.

Na transição entre as mídias tradicionais para as mídias digitais, há um grande bombardeio de imagens, um apelo audiovisual na corrida por *likes*, compartilhamentos e um engajamento cada vez mais eficiente, que gere repercussão. Os dispositivos, mais uma vez, agem em favor do discurso, proporcionando um momento de afirmação de si perante os demais, onde, novamente, vemos o “curta!”, “comente!”, “compartilhe!” em ação.

Na verdade, as próprias postagens presentes na rede social, podem ser entendidas como mecanismos que ajudam a propagar ideais - não somente aqueles ligados à religião em si, mas também sobre comportamentos, reflexões, sentimentos e venerações na crença de quem pratica. Afinal, porque vemos uma postagem e nos identificamos com ela? Por que temos a sensação de que aquilo foi direcionado para nós? Justamente no momento exato em que se precisava de um conforto, um produto, uma resposta, uma reflexão ou

² **BBC News Brasil.** Papa Francisco autoriza bênçãos a casais do mesmo sexo; entenda. *BBC News Brasil*, 18 dez. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw0d4r2y6ero>. Acesso em: 28 dez. 2024.

uma prece? O discurso pode saciar essas inquietações. As necessidades são inúmeras, mas a função dos dispositivos permanece a mesma.

Valores contemporâneos

Pensando o papel das mídias sociais digitais, podemos visualizar a potência que essas tecnologias amparadas na internet exercem sobre as relações individuais e sociais, nas vivências que envolvem questões coletivas e particulares. Essas configurações formam um grande metaverso, atravessado por um mundo de filtros, que permitem uma ilusão ótica a respeito daquilo que experiência na rede social, criando discursos e novas comunidades dentro de “realidades paralelas” que validam práticas que antes não poderiam ser imaginadas de forma diferente, fora de seu ecossistema convencional.

Mais uma vez, apontamos a religião. Sbardelotto (2016) utiliza a metáfora bíblica de “E o verbo se fez carne” para “E verbo se fez rede” nomeando sua obra, para abordar a transição e o atravessamento das palavras e pregações em ambientes midiáticos. Considerando a expansão de nichos religiosos na comunicação massiva, rompendo fronteiras geográficas e proporcionando um processo de pregação assíduo em ambientes que extrapolam os templos religiosos.

Viabilizando, em última instância, formas plurais de conexão entre as redes do mundo físico e do virtual. Segundo o autor, essa ubiquidade favorece interações e trocas de convívios e experiências simultâneas, ainda que acompanhadas e vivenciadas de formas distintas por cada indivíduo.

Uma das características das manifestações religiosas é a reunião de fiéis em um mesmo ambiente diante de modos de agir que simbolizam rituais e também valorizam a interação com objetos sagrados. Essas relações demonstram ações compartilhadas, vivenciadas coletivamente. A partir da midiática desta atividade - de singular subjetividade nas experiências humanas - vemos que na rede social existe uma nova ordem do tempo, que interfere diretamente nas relações de fé, demonstrações, culto a imagens e todos os demais afetos e ritos que se ressignificam simbolicamente na conexão entre os homens e Deus.

Se por um lado há uma interação que se tece em um estar simultâneo, que possibilita pessoas de diversos lugares partilharem, engajarem e terem a oportunidade suprir sua ausência física, experienciando sua prática, há também uma maior liberdade de

serem juízes daquilo que acreditam e também de consumir, se informar e sentirem-se representados ou mesmo reivindicar ou comentar sobre temáticas que vão ao encontro de suas particularidades.

Por outro lado, vemos o bombardeio de auxílios cognitivos, que preenchem a atenção dos usuários, utilizando e produzindo uma linguagem de interação nesses meios, resultando em uma ampla exposição a um volume de dados e conteúdos audiovisuais. Essa tangente, pode gerar dispersão ou mesmo interferir no rito de fé, cabível ao questionamento de: - Até onde vai a efetividade das ações virtuais? Até que ponto o domínio é mantido?

Em 2017 o próprio pontífice da igreja católica, Papa Francisco³, alertava para a displicência com o uso de celulares em ambientes religiosos durante as celebrações. Todavia, é possível apontar o mesmo “perigo” diante das transmissões acompanhadas nos ambientes digitais, tendo em vista o processo e circulação; produção e reprodução de diversos conteúdos ao mesmo tempo, disputando a atenção dos usuários, além dos diversos botões, elementos e ações instantâneas presentes na lógica algorítmica das redes.

Mas o que acontece com quem está fora desse ambiente midiático? É importante salientar, a existência de um processo de exclusão digital, que deixa à margem pessoas que, por alguma razão, não ocupam o espaço virtual. Sendo assim, essa segregação também configura uma relação de poder, uma vez que subjuga e impõe uma necessidade crescente a instituições e, especialmente aos devotos, enquanto espectadores/usuários de se fazerem presentes nesses ambientes, a fim de perpetuar, reafirmar vínculos de testemunho a suas crenças e acompanhar as inovações e os novos modos de celebrar a fé.

Com adendo, é necessário frisar um momento axial que acelerou a emergente necessidade de sobrevivência do discurso de fé a se reinventar e voltar os olhares para a plataformização das atividades: a pandemia de Covid-19. Consagrando o modo de vida “on”, em 2020, quando se criou a demanda de distanciamento social. Uma vez que os fiéis não poderiam ir até os templos, eventos e confraternizações religiosas, buscou-se uma forma diferente de olhar para práticas do passado, sem deixar de viver as culturas e expressões dos ensinamentos do presente. Utilizando as ferramentas tecnológicas em favor do discurso.

³ G1. Papa crítica uso de celular entre fieis e religiosos durante as missas. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/papa-critica-uso-de-celular-entre-fieis-e-religiosos-durante-as-missas.ghtml>. Acesso em 22 de dez 2023.

Desta vez, com as portas dos templos trancadas e as janelas conectadas ao digital. Garantindo a validação da capacidade de estar junto, mas em espaços separados. Fazendo-nos refletir sobre a multiplicidade comunicacional que se cria a partir de convívios, relações grupais e particulares que se desdobram através da onipresença, a medida que é possível estar em diversos ambientes simultaneamente, portando apenas um único dispositivo e a conexão exponencial da *internet*.

Filtrar a realidade ou ser filtrado por ela

Os filtros são dispositivos característicos das redes sociais. Uma maneira de assegurar uma realidade paralela de imagens que atendam aos desejos dos eu. - Como discutimos, desejos que foram construídos a partir de narrativas discursivas ditadas pelos consumos, crenças e valores.

Ainda nessa perspectiva, cabe citar algumas ideias sintetizadas por Michael Löwy⁴, sobre essa vertente do capitalismo, tão enraizada e devocional, tal como uma religião. Ele demonstra uma compreensão da lógica capitalista como um culto, uma dimensão de adoração que se assemelha a uma solenidade ou um louvor a uma divindade que pode ter muitos nomes, mas é uma só: aqui, conhecemos por dinheiro, capital ou o "Deus da riqueza".

A esse "Deus" se deve uma celebração festiva diária, como sinal de reafirmação e garantia de uma vida benevolente, que goza das graças de estar entre os "escolhidos", ou seja, que detém poder (de consumo) - seja aquisitivo ou de outras formas - para atender as demandas do mercado. Consequentemente, esse relacionamento precisa se amparar em algum sentimento, que, neste caso, é a culpa o elo forte, pois a partir do momento que não é possível punir a "Deus" ou muito menos ousar questioná-lo, a única pessoa passível de culpa é o próprio eu.

Cria-se então, uma cadeia oriunda da indústria cultural que impacta diretamente na cultura, onde as reflexões e o senso crítico inexistem e são substituídos pelo estado de obediência, como pensavam os frankfurtianos. Nesse contexto, Foucault nos lembra que um dos maiores desafios da contemporaneidade é, precisamente, a recusa de quem somos.

⁴ As colocações foram feitas baseadas na leitura e interpretação do texto "O capitalismo como religião", disponível no Blog da Boitempo: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/08/08/o-capitalismo-como-religiao/>. Acesso em 19 de dez. 2024.

Assim, a essência, o pensamento e o querer - que são características intrinsecamente subjetivas - são comprometidos por um estado que alienação que cria padrões e sufocam a subjetividade dos indivíduos. Instaura-se então o “fetiche”, conforme concebe o pensamento Marxiano, onde as classes sociais se dividem e as ideologias se confundem com realidades utilitaristas.

Retomando a discussão sobre os filtros presentes nas redes sociais, que modelam distorções da realidade a partir da estratificação de padrões com ferramentas que repercutem realidades fictícias e impactam fortemente em relações pessoais e sociais de concepções, podemos lembrar as ideias de Lipovetsky (2008) que refletem sobre como os sujeitos perdem sua humanidade e cedem ao papel de se tornarem marionetes em meio a um espetáculo sustentado por um consumo emocional, pois o sentimento de “felicidade”, por assim dizer, transcende o paradoxo entre as dores e os prazeres a partir do momento que a sociedade passa a ser moldada pelo hiperconsumo, não apenas de mercadorias, serviços ou produtos, mas de “verdades” e discursos.

Parafraseando Guattari, Mansano (2009), afirma que os valores, os sentidos e as ideias, são o combustível para a expressão dos afetos que acontecem corriqueiramente no cotidiano dos indivíduos. Ponderando isso, a imposição vendida com um visual de convite atrativo para o sequenciamento de padrões, resulta em afetações utópicas, uma vez que os nichos midiáticos estão convergidos e direcionados a um local específico, as redes de interação social permitem trocas, comunicação e informação, em um ambiente livre para manifestar opiniões, sugestões e desejos fabricados de acordo com as ideologias sustentadas.

Na fé midiaticizada ocorre da mesma forma. A torrente de imagens veiculadas, os recursos audiovisuais nas celebrações, o incentivo à participação do público para interações com as postagens e, até mesmo os *storys* e menções, marcações e registros que citam o perfil, fazem reverberar a doutrina dos filtros, que não se restringe apenas a sua função denotativa na rede, se tornando o filtro da crença, da participação e do fazer-se presente.

Mas afinal, diante de um mundo de filtros, é possível enxergar além e romper com essa visualidade? Podemos pensar em duas opções para responder a indagação: a) filtrar a realidade ou b) ser filtrado por ela.

Considerações finais

Diante das discussões apresentadas pela temática, se torna nítido que os meios de comunicação elucidam também formas de dominação e se tornaram dispositivos de suma importância nas sociedades modernas, se consagrando ao longo do tempo como parte essencial das vivências e tecnologias do eu. Com o advento dos meios impressos, o rádio, a televisão e a internet, ferramentas de informação massiva que começaram a ganhar força a partir do século XX.

Hoje, é impossível negar que somos amplamente atravessados pelo uso de tecnologias, especialmente, com as redes sociais *on-line*, que favorecem trocas instantâneas e conexões em tempo real com o mundo, superando os horizontes físicos e geográficos. Dessa maneira, tem-se um campo fértil para estudar o impacto que estas mídias, especialmente as móveis, por meio de *smartphones*, causam em nosso dia a dia, em nossas relações sociais, morais, culturais e, também, espirituais, diante de tudo que estamos assujeitados. Uma vez que há um constante apelo e necessidade de uso desses aparelhos, ao qual a escrita deste ensaio seria incapaz de esgotar.

Ademais, perante as considerações apresentadas pela temática, conclui-se que a comunicação midiática de ambientes religiosos é uma manifestação em ascensão, permeada pelo uso de mídias eletrônicas de interação virtual, em tempo real, pois é através das transmissões, *likes*, comentários e compartilhamentos que se mostra um novo modo de sobrevivência e resistência da fé. E qualquer lugar assim se transforma num espaço de confraternização e vivências assistidas de lugares distintos, por meio de uma fé mediada, que não mede distância para chegar aos seus e serve de redoma, a fim de enlaçar discursos e subjetividades pré-estabelecidas.

Sendo assim, é importante lembrar que, há muitas décadas - séculos até - líderes religiosos já eram astutos ao usar os meios comunicacionais nas pregações para disseminar um discurso de crença (como não lembrar o “Show da fé”, a TV Aparecida, o Programa de Rádio “Experiência de Deus” e tantos outros portais que surgiram em meio ao televangelismo da década de 90 e nos anos 2000?). Mas pode-se destacar aqui, que nos últimos anos, os ambientes informacionais digitais, com a inclusão das novas mídias e redes sociais, assumiram o protagonismo frente às mensagens mediadas entre as instituições e os fiéis.

Em síntese, este trabalho nos conduz a compreender como o processo de midiáticação, sustentado por dispositivos plataformizados, promove uma dimensão ubíqua da comunicação religiosa com os fiéis, sustentando os discursos e as narrativas da tradição que se modela ao ecossistema digital. Nesse cenário, as relações simbólicas se entrelaçam com manifestações de conexão com o sagrado, atravessando o elo entre a cultura, a inovação e os tensionamentos que envolvem a soberania ou autonomia ao outro.

Referências

FISCHER, Rosa. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. São Paulo: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In. _: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. **Uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LIPOVÉTSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. Revista de Psicologia da UNESP, v. 8, n. 2, 2009.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.

SBARDELOTTO, Moisés. **E o verbo se fez rede**: religiosidades em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, no prelo, 2016.